

CAPÍTULO 33

DOI: <https://doi.org/10.58871/ed.academic210823.v1.33>

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO COMPORTAMENTO ANTISSOCIAL EM JOVENS ADOLESCENTES

SOCIAL REPRESENTATIVES OF ANTISOCIAL BEHAVIOR IN YOUNG ADOLESCENTS

SÁVIO MAVIAEL MIRANDA SILVA

Graduando em Enfermagem pela Universidade Estadual da Paraíba

BEATRIZ DA SILVA VASCONCELOS PEREIRA

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba

EMÍLIA CAROLINA FÉLIX ROSAS DE VASCONCELOS

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba

ESTHER ALVES GUIMARÃES

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual da Paraíba

FELIPE PINTO DA CUNHA

Graduando em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba

JOSÉ VICTOR ARAGÃO SILVA

Graduando em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba

KELAINE PEREIRA APRIGIO SILVA

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba

MILENA SILVA BEZERRA

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba

CARLOS EDUARDO DA SILVA BARBOSA

Graduado em Psicologia pela Universidade do Grande Rio

RESUMO

Objetivo: Compreender o comportamento antissocial em jovens adolescentes a partir da Teoria das Representações Sociais (RS). **Metodologia:** Trata-se de um estudo discursivo, lógico-reflexivo baseado na Teoria das Representações Sociais como parâmetro de interpretações sociofilosóficas. Realizou-se um levantamento bibliográfico seguido de uma averiguação qualitativa do material através da Análise de Conteúdo. Foram identificados os atributos e as tratativas discursivas do comportamento estudado, apreciadas a posteriori com base na literatura. **Resultados e Discussão:** Colocar em análise a importância da transmissão psíquica transgeracional é relevante na compreensão das RS da conduta antissocial de jovens e adolescentes. Para percorrer um caminho dialético, as nuances da psicanálise atentam aos



conceitos solidificados e dicotomizados entre os jovens, dando-lhes oportunidades de refletirem sobre suas ações, as reais circunstâncias motivadoras e as implicações geradas. O ciclo violento deve-se, principalmente, às suas origens históricas que se reproduzem socialmente e reverberam conceitos apresentados por grupos com um grande potencial de transmissibilidade e repercussão social. Em uma esfera parental, compreender os aspectos geracionais de repetições pode ser importante para a ruptura desses padrões, de modo que, a normalização, por outro lado, fortalece e perpetua a transmissão dos mesmos. **Considerações Finais:** A abordagem teórica do comportamento antissocial na adolescência por uma visão reprodutivista, possibilitou refinar os significados sobre as aspirações de continuidade do fenômeno. Tornou-se mais elucidativo por haver neste percurso proposição de intervenção. Efetivar um processo de trabalho no campo da saúde mental voltado às origens da totalidade é revolucionário, pois passa a considerar o fenômeno como histórico, cultural e filosófico pertencente à relação de cada indivíduo com o seu meio social.

Palavras-chave: Representações sociais; Adolescência; Comportamento antissocial.

ABSTRACT

Objective: Objective: To understand antisocial behavior in young adolescents from the Theory of Social Representations (SR). **Methodology:** This is a discursive, logical-reflective study based on the Theory of Social Representations as a parameter for socio-philosophical interpretations. A bibliographic survey was carried out followed by a qualitative investigation of the material through Content Analysis. The attributes and discursive dealings of the studied behavior were identified, assessed a posteriori based on the literature. **Results and Discussion:** Analyzing the importance of transgenerational psychic transmission is relevant in understanding the SR of antisocial behavior of young people and adolescents. To follow a dialectical path, the nuances of psychoanalysis pay attention to solidified and dichotomized concepts among young people, giving them opportunities to reflect on their actions, the real motivating circumstances and the implications generated. The violent cycle is mainly due to its historical origins that are socially reproduced and reverberate concepts presented by groups with a great potential for transmissibility and social repercussions. In a parental sphere, understanding the generational aspects of repetitions can be important for breaking these patterns, so that normalization, on the other hand, strengthens and perpetuates their transmission. **Final Considerations:** The theoretical approach of antisocial behavior in adolescence from a reproductive point of view, made it possible to refine the meanings about the aspirations of continuity of the phenomenon. It became enlightening because there was an intervention proposal in this path. Carrying out a work process in the field of mental health focused on the origins of totality is revolutionary, as it starts to consider the phenomenon as historical, cultural and philosophical belonging to the relationship of each individual with their social environment.

Keywords: Social representations; Adolescence; Antisocial behavior.

1 INTRODUÇÃO

As Representações Sociais (RS) são construídas cotidianamente pelos sujeitos e possibilitam familiarizar o não familiar, favorecendo a compreensão do novo por meio de experiências anteriormente assimiladas (JODELET, 2005). Sendo assim, podem ser

compreendidas como uma junção de idéias, esclarecimentos e convicções naturais para um determinado grupo social, permeando a inter-relação entre sujeito e objeto na formulação do pensamento de senso comum, o que permite explicar a vigência de práticas, ações e atitudes vivenciadas individual e coletivamente pelo grupo social (CRUSOÉ, 2004).

De modo geral, as sociedades detêm uma infinidade de conhecimentos acerca do mundo e dos seus constituintes, os quais integram a realidade social atribuindo-lhes nomes, interpretações e valores coletivizados. A distribuição do conhecimento depende, sobremaneira, da participação social dos indivíduos e das concepções comunitárias, institucionais e culturais. Com isso, diferentes formas de saber e pensar são construídas e disseminadas. E, portanto, algumas delas possibilitam a elaboração de organizações sistemáticas de opiniões, convicções, referências, julgamentos e posicionamentos que influenciam e determinam a relação interpessoal e social dos indivíduos (SOUSA; CHAVES, 2023).

Grande parte do que se leva para a vida de conhecimentos é adquirido durante o processo de amadurecimento, desenvolvimento e consolidação da identidade, o qual tem parte muito significativa no período relativo à adolescência. Nessa conjuntura, é necessário compreender o adolecer como resultado de um período complexo da experiência humana de vida. À vista disso, o processo da adolescência é caracterizado por diversas alterações biopsicossociais e culturais; evidenciado pela ruptura da infância e pelo amadurecimento mental, emocional e social. Além disso, é nessa etapa que se estabelece o sentimento de pertencimento a novos grupos sociais (BRASIL, 2017). Frequentemente, se identifica, também, uma forte multiplicidade de sentimentos, revelando um robusto desejo pelo alcance da independência e autonomia, pois a predisposição a vivenciar novas experiências tende a se acentuar neste contexto (COSTA *et al.*, 2019).

Assim sendo, diante de diversas mudanças, culmina em um momento de intensas vulnerabilidades e propensões a desenvolver problemas de cunho emocional, bem como desvios de atitudes e condutas, dentre as quais, a tendência do comportamento antissocial pode apresentar-se acentuada.

A respeito da qual, é possível compreender que se exemplifica por comportamentos agressivos, roubos, mentiras, crueldades, desobediências a normas ético-sociais de forma constante, fugas, constantes irritações e aborrecimentos. Dessa forma, a tendência antissocial se caracteriza, sobretudo, pelas condutas desviantes às normas e perspectivas sociais. Além disso, são identificadas atitudes que rompem princípios e pactuações sociais. Na psiquiatria os comportamentos podem estar associados a algumas psicopatologias (DIAS; OLIVEIRA-MONTEIRO; AZNAR-FARIAS, 2014), entretanto, esses comportamentos podem ser



apresentados em diversos outros contextos. Na adolescência é comum que os indivíduos experimentem situações nas quais fogem ou desviam-se das normas e expectativas sociais.

Segundo Coutinho (2009), isso decorre dos aspectos que estão diretamente atrelados ao espaço geográfico, à situação econômica e aos interesses em comum envolvendo a relação do sujeito na fase de desenvolvimento e do amadurecimento psíquico. Sendo este, um período considerado por Junior & Silva (2018), fruto de um processo socioeconômico-político-cultural caracterizado pela individualidade, racismo e discriminação de uma sociedade. Como também, a presença de diferentes formas de violência nas trajetórias de vida dos adolescentes e das fragilidades nas relações familiares desde muito precocemente dificulta, de maneira exacerbada, o processo de subjetivação dos jovens e a construção da sua própria identidade.

Neste ponto, o que se observa é uma intensa preocupação voltada apenas à composição física do problema, abandonando eixos circunstanciais requeridos de interpretação ao nível das convicções ideológicas e das formas de pensar. A partir disso, surge a necessidade de contextualizar tais comportamentos e analisar o interacionismo simbólico responsável pela elaboração e partilha de determinados pressupostos pautados nessa dimensão histórico-crítica (STREY *et al.*, 2013). Com isso, compreender o comportamento antissocial no adolescente pela ótica da Teoria das Representações Sociais tem se mostrado de extrema relevância ao se levantar novos debates e se estabelecer diferentes perspectivas fenomenológicas.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo discursivo, lógico-reflexivo baseado na Teoria das Representações Sociais como parâmetro de interpretações sociofilosóficas e de compreensão das conformações tematizantes, permitindo gerar um debate fundamentado na coerência da abordagem metodológica (SOUZA FILHO *et al.*, 2022). Para tanto, procedeu-se a um levantamento bibliográfico com uma pesquisa exploratória da literatura à partir da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), do Portal de Periódicos da CAPES e da base de dados da PubMed. Não envolvendo assim seres humanos, o que dispensa a apreciação em Comitê de Ética e Pesquisa.

Dessa forma, foram selecionados artigos através da categorização dos textos com expressões evocativas interrelacionadas. Seguido pela averiguação qualitativa do material, baseando-se na Análise de Conteúdo apresentada por Bardin. Esta permite inferir conhecimentos relativos à condição de produção ou recepção das informações de forma sistemática, propiciando o levantamento de indicadores qualitativos (MENDES; MISKULIN,



2017). Logo em seguida, realizou-se a extração e discussão crítico-reflexiva das informações imprescindíveis para estruturação preliminar, culminando na síntese final do trabalho. Em geral, foram identificados os atributos e as tratativas discursivas do comportamento estudado, apreciadas a posteriori com base na literatura.

O interesse substancial da discussão concentrou-se em identificar os aspectos subjetivos dos estudos primários com relação aos conceitos e conhecimentos acerca do comportamento antissocial na população de jovens e adolescentes, buscando, com base na TRS estabelecer quais interpretações podem ser identificadas no que diz respeito ao fenômeno.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sob uma perspectiva analítica

O substrato do meio externo nada mais é do que o combustível das interações simbólicas e, por isso, todos estão sujeitos a praticar algo ilícito ou ilegal perante à lei e às normas sociais. No entanto, ao penalizarmos ostensivamente jovens adolescentes através de uma 'herança poligênica' de negligências, estimularemos cada vez mais a reprodução de uma sociedade descaracterizada e repleta de agravos sociais prevalentes. Por esse motivo, a criação de novos meios de enunciação deve ultrapassar aquele restrito à dimensão infracional (GURSKY; STRZYKASLKI, 2018).

A Psicanálise é um método de investigação que propicia condições para a emergência das manifestações do ser consciente. Portanto, Lacan (1998) ao abordar as novas exigências da contemporaneidade, relata que é preferível renunciar à prática psicanalítica todo ser analista que não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época. Com isso, ele reforça o comprometimento da escuta qualificada e a sistematiza sem utilizar dispositivos que acabam por fazê-los calar mais uma vez. É nesse viés que estaremos aptos a pensar em modos de intervenção factíveis no campo das políticas de saúde mental infanto-juvenil.

Como assimilar as condições de civilidade propostas pelo mundo moderno aos determinantes socioculturais impostos severamente a essa população? Nesse sentido, a vulnerabilidade e o desprezo institucional sofrido pelos jovens brasileiros têm acarretado em fenômenos comportamentais de risco e de pouca habilidade social (GONÇALVES et al. 2023). Por essa razão, evidencia-se que a condução dos jovens adolescentes tem passado por completa limitação devido a uma série de valores e crenças cristalizadas na sociedade brasileira.

Dentre as características encontradas nos textos refletidos, está a hipervalorização conceitual da moralidade por parte do profissional de saúde mental em decorrência de um



sentimento de impotência, principalmente por não se conseguir colocações válidas diante dos paradoxos e do sofrimento vivido pelo jovem. Nesse quesito, fornecer espaços de fala sem a pressão reducionista e curativista do processo o faz “transcender ao lugar em que é colocado e apontar na direção de seu desejo” (ROSA, 2004), proporcionando um deslocamento desse sujeito e o desagregando de um discurso social que lhe toma como modo de enunciação de si mesmo: “despersonificado”.

O intento de consolidar um objeto de trabalho mutável nesse aspecto, advém em fazer as vivências desses indivíduos perpassarem da experiência isolada, ou seja, serem compartilhadas por meio da construção de uma narrativa e transmitidas como uma experiência enlaçada na coletividade. Dessa maneira, a fala plena sentida levemente como algo espontâneo passa a admitir uma relação dialética de troca, propiciando o surgimento das manifestações inconscientes e auxiliando o adolescente a apropriar-se da sua história e do seu saber singular (GURSKY; STRZYKASLKI, 2018).

As nuances da psicanálise percorrem caminhos que atentam aos conceitos solidificados e dicotomizados entre os jovens, dando-lhes oportunidades de refletirem sobre suas ações, as reais circunstâncias motivadoras e as implicações geradas. Sem que recorram às mesmas concepções estruturadas cotidianamente. Dessa forma, tratamos de ocupar a função ética pela evocação da própria dimensão do sujeito, do seu inconsciente, deixando a palavra circular e alcançar uma potência singular, tornando-a multívoca e transformadora do psiquismo (FREUD, 2010).

Como principal mecanismo de defesa do ego nessa circunstância, é válido salientar a estratégia da sublimação. Todo impulso já desenvolvido pode gerar mal estar no seu estado latente, ou seja, quando se encontra reprimido. Estimular alternativas de vazão desses desejos por outros caminhos, como por meio da arte, música, esporte, leitura e do trabalho consciente, permite mitigar inúmeros conflitos de ordem de conduta. Com essa afirmativa, podemos observar que toda energia psíquica está sujeita a ser configurada e dissipada, levando sempre em consideração os elementos envolvidos na trajetória individualizada do ser em questão.

Transgeracionalidade como foco de análise

Tendo em vista que o processo de assimilação e desenvolvimento de habilidades sociais perpassa por diversas esferas da vida do sujeito, o terreno familiar a de ser considerado como de grande relevância. É compreensível que o indivíduo ímpar e sujeito de si mesmo, internaliza ao longo da vida conceitos e preceitos com os quais se identifica e desfruta de alguma forma.

Porém, colocar em análise a importância da transmissão psíquica transgeracional é relevante na compreensão das RS da conduta antissocial de jovens e adolescentes. Sendo compreendida como processo que estrutura a entidade familiar, transita subjetivamente e constitui os sujeitos desde a pré-concepção (SANTOS; GHAZZI, 2012).

Para Kaes (2001), a transmissão decorre inconscientemente, mediante a comunicação não verbal em forma de repetitivos comportamentos. Define ainda, que a formação do ego do indivíduo carece de egos anteriormente formados, perpassando gerações. De tal forma, para que o indivíduo chegue na formação atual do ego, é necessário a interseção de outros, dos quais, aqueles familiarizados e presentes desde o início da vida são os mais influentes.

Sendo assim, transmissão psíquica transgeracional é, sobretudo, a herança transmitida pelo antecessor, legado oriundo do caminho pelo qual a família defluiu. Perpassando, sobremaneira, a história familiar, mas se apresentando desde as gerações pela conformação e condensação das apresentações e significados. As transmissões psíquicas de violência no contexto familiar ocorrem de diferentes formas nas múltiplas conformações parentais, sendo assim, os costumes e valores que são formados e firmados desde o nascimento são importantes para a construção subjetiva dos significados desse comportamento (MEDEIROS, 2014).

Com isso, as repetições dos modos de condutas ao longo das gerações, por efeito de memorização, bem como de histórias de antepassados são fator importante no desenvolvimento de comportamentos transgeracionais. Os resquícios difundidos e perpassados geracionalmente levam à reprodução dos mesmos (SILVA, 2018). A transgeracionalidade de dificuldades no âmbito familiar são um outro objeto de observação. Dessa forma, conecta-se com o aprendizado de protótipos comportamentais, a agressividade parental, repercutindo diretamente na modelagem da consciência do indivíduo em formação.

Vale lembrar que as controvérsias do agrupamento social trazem consigo um conceito relacional, estando ligado aos símbolos e aos valores pertinentes de cada época (VITELLI, 2009). Nessa perspectiva, a configuração familiar infere diretamente na mitigação de eventos estressores agudos; considerada como fator protetivo ou estimulante no desenvolvimento da sintomatologia externalizante, como a hiperatividade, agressividade, presença de raiva e delinquência.

Para Winnicott (1958/1999), psicanalista e médico pediatra inglês, a tendência antissocial pode ser caracterizada com base em uma privação experienciada pela criança durante o seu desenvolvimento, em um momento no qual já é possível diferenciar minimamente o eu da realidade. Dessa forma, tendo a criança perdido o objeto por um longo período, a memória do objeto e da experiência é despendida. Com isso, o comportamento antissocial se

define como a tentativa de reencontrar esse objeto, podendo se apresentar de duas diferentes formas, como a procura do objeto (roubos e furtos, compras compulsivas) e como a destrutividade (quebradeira de coisas e bagunça) (MEDEIROS; SANTOS; BARBIERI, 2017; ONOCKO-CAMPOS, 2018).

É sumamente necessário saber que as condutas e comportamentos antissociais não serão única e exclusivamente decorrentes do contexto parental ou da transmissão transgeracional, porém, cabe compreender que diversos fatores influenciam nesse contexto multifacetado, um deles, a ancestralidade. Com isso, compreender em qual nível as condutas e vivências familiares comprometem a integridade social do adolescente torna-se um objeto valioso de estudo merecido de investigações aprofundadas.

É importante também discutir os diferentes tipos de violências existentes e como o contexto familiar influencia na consumação de cada um. Para Mynayo (2010) os tipos de violências podem ser descritos como: estrutural, criminal, institucional, interpessoal, cultural, de gênero, racial e contra pessoas com deficiência. As quais são, principalmente, históricas e reproduzidas socialmente que reverberam os conceitos apresentados por grupos com um grande potencial de transmissibilidade e repercussão social. Em uma esfera parental, compreender os aspectos geracionais de repetições pode ser importante para a ruptura desses padrões, de modo que, a normalização, por outro lado, fortalece e perpetua a transmissão dos mesmos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem teórica do comportamento antissocial na adolescência, por uma visão interacionista e pautada no reprodutivismo, possibilitou refinar os significados sobre as aspirações de continuidade do fenômeno. Tornou-se esclarecedor por haver neste percurso propositura de intervenção. Efetivar um processo de trabalho no campo da saúde mental voltado às origens da totalidade é revolucionário, pois passa a considerar o fenômeno como histórico, cultural e filosófico pertencente à relação de cada indivíduo com o seu meio social.

A partir da discussão, ainda que com base em achados da literatura, pôde-se observar as múltiplas facetas do fenômeno em questão. Fica evidenciado a necessidade da construção de novas abordagens na pesquisa científica a respeito da temática, considerando que é necessário que haja atualização e que a ciência acompanhe as mudanças e alternância dos contextos sociais. Portanto, compreender os significantes e pormenores dos comportamentos considerados como desviantes das normas e tendências socialmente aceitas é sumamente eficaz



para que sejam produzidas e intensificadas novas formas e maneiras de se observar os fenômenos.

REFERÊNCIAS

COUTINHO, L. G. **Adolescência e Errância**. Rio de Janeiro: Nau/FAPERJ, 2009.

CRUSOÉ, N. M. C. A teoria das representações sociais em Moscovici e a sua importância para a pesquisa em educação. **Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, Vitória da Conquista, v. 2, n. 2, p. 105-114, jan. 2004.

DIAS, C; OLIVEIRA-MONTEIRO, N. R; AZNAR-FARIAS, M. **Comportamentos antissociais e delitivos em adolescentes**. Aletheia, Canoas, n. 45, p. 101-113, dez. 2014.

KÄES, R. Introdução ao conceito de transmissão psíquica no pensamento de Freud. In Käes, R., Faimberg, H., Enriquez, M., & Baranes, J. J. (Orgs.), **Transmissão da vida psíquica entre gerações**. São Paulo: Casa do Psicólogo. p. 27-69.

FREUD, S. **Uma dificuldade da psicanálise**. In Freud, S. Obras completas, v. 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GURSKI, R.; STRYKALSKI, S. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 50.1, p. 72-98, 2018

LACAN, J. **“Função e campo da fala e da linguagem”**. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 239, 1998.

MEDEIROS, A. P.; SANTOS, M. A.; BARBIERI, V. Psicodinamismos da tendência antissocial: um estudo transgeracional. **Psicol. clínica**. Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 275-295, 2017.

MENDES, R. M.; MISKULIN, R. G. S. A análise de conteúdo como uma metodologia. **Cadernos de Pesquisa, [S/I]**, v. 47, n. 165, p. 1-23, set. 2017.

MINAYO, M. C. S. **Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde individual e coletiva**. In: SOUSA E.R., organizadores. Curso impactos da violência na saúde. Rio de Janeiro, 50-150, 2010.

ONOCKO-CAMPOS, R. Comportamento antissocial nos jovens como sequela da privação: contribuições da clínica winnicottiana para as políticas públicas. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação, [S.L.]**, v. 22, n. 67, p. 1091-1098, dez. 2018.

ROSA, M. D. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. **Revista Mal Estar e Subjetividade**, v. 4, n. 2, 329-348, 2004.

SANTOS, V. O; GHAZZI, M. S. A transmissão psíquica geracional. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 32(3), 632-647, 2012. doi: 10.1590/S1414-98932012000300009.

SOUSA, Y. S. O; CHAVES, A. M. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS. In: TORRES, A. Raquel



R. et al. **Psicologia Social: temas e teorias**: 3ª edição (revisada e ampliada). 3. ed. São Paulo: Blucher, 2023.

SOUZA FILHO, B. A. B. et al. Relato teórico: reflexões e considerações para autores, revisores e editores. **Revista de Saúde Pública**, [S/I], v. 30, n. 56, p. 1-7, jan. 2022.

VITELLI, C. **Adolescência e identidades estéticas do cotidiano**. Educação em Revista, v. 25, n. 03, p. 43-74, dez. 2009.